

Os primórdios do psíquico, a origem da mente na espécie humana e os fenômenos psicopatológicos¹

Marisa Pelella Mélega²

Resumo: A autora tece inicialmente considerações sobre os fatores ambiental e constitucional na formação da personalidade. Revê então a hipótese de Bion sobre os primórdios do psíquico em que o intenso terror estaria associado a registros talâmicos e vivências antes do nascimento. Cita as contribuições de Meltzer acerca de uma vida tribal, que se encontra nas profundezas da mente, e manifesta-se por meio de processos corpóreos (Meltzer, 1986). Lembra-se das contribuições de Rascowsky a respeito do fenômeno do filicídio e da predação quando há fraturas nas funções parentais ou nas grandes catástrofes da história. Por fim, traz ao nosso conhecimento trabalhos de Lusetti, autor italiano, que relaciona antropologia e psicanálise para elaborar a hipótese canibalística da origem da mente na espécie humana.

Palavras-chave: estrutura psíquica; terror; vida tribal; registros talâmicos; filicídio e canibalismo.

Por que abordar este tema em um congresso de psicanálise, se a nossa ciência-arte tem como foco principal o estudo das relações humanas?

O interesse tem origem em minha clínica com psicóticos e com borderline. Eu precisava invocar frequentemente o fator constitucional para responder a questionamentos acerca da origem das perturbações das personalidades em análise.

Procurei divulgar tais questionamentos por meio de textos que fui apresentando aos meus colegas, a saber:

1993 - Constituição versus ambiente (caso clínico de criança de 22 meses);

2006 - Redimensionando o papel do rêverie na estruturação psíquica: conjecturas com base em experiências clínicas e em pesquisa;

2007- Repensando os critérios de analisabilidade – um depoimento.

1 Apresentado durante o XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise – 25 a 28 de Setembro de 2013 – em Campo Grande – Mato Grosso do Sul.

2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SPBSP).

Em todos esses textos, o fator ambiental não era suficiente para compreender a origem dos estados mentais. E continua sendo difícil delimitar o que é constituição na formação psíquica.

Até há pouco tempo, a constituição era entendida como resultante do patrimônio filogenético e ontogenético (a formação do ser no período intrauterino), e não se sabia muito bem como a vida intrauterina influenciava a formação psíquica.

Psicanalistas como Bion e Klein afirmaram que a inveja primária, a voracidade e a intolerância à frustração fazem parte da constituição da personalidade. Em 1978, Bion falava de uma mente desenvolvida antes do nascimento e que se mantinha inalterada e ativa após o nascimento.

Mattos e Braga (2009) reveem essa hipótese de Bion sobre os primórdios do psíquico. Em seu trabalho, eles chamam a atenção para registros associados a órgãos atuantes precocemente no funcionamento somático (tálamo e adrenais) antes que o córtex cerebral possa fazer registros com potencialidade de representação.

Pois bem, nesse contexto, Bion conjecturou que sentimentos de culpa muito primitivos seriam capazes de desencadear sanções cruéis a ponto de serem mortais. Sugeriu a existência de uma moralidade primordial que se manifesta impondo proibições sem que tenha havido experiência para tal. Bion conclui que tal sentimento de culpa primitivo encobriria um estado de intenso terror e estaria associado a registros talâmicos e glandulares de vivências antes do nascimento, chamando a atenção para uma base somática.

Mattos e Braga (2009) acreditam que conceitos de terror sem nome e mudança catastrófica tenham sido tentativas prévias de Bion para formular a experiência da mente do indivíduo já nascido, por não conseguir dar continência para estes registros primordiais.

Há que se considerar ainda o legado que Bion nos deixou, ao sugerir em *Experiências em grupos*, uma vida interna de tipo de grupo de Suposto Básico, em que somente um dos três Grupos pode estar ativo em um dado momento, enquanto os demais se mantêm em um nível “Protomental”, em íntima relação com os processos corpóreos.

Segundo Meltzer (1986), embora não explicitado por Bion, é possível discernir uma insinuação acerca de uma vida interna de tipo de Grupo de Suposto Básico. Esta evocação de uma vida primitiva, talvez tribal, nas profundezas da mente, capaz de manifestar-se na superfície como comportamento grupal ou por meio de processos corpóreos, é bastante impactante, e parece sugerir que devemos pensar nos estados do desenvolvimento corporal, incluindo os embrionários e os últimos meses ou semanas da vida fetal, como podendo ter uma representação diferenciada na estrutura do *self*.

Mas tal representação pertence a um mundo caracterizado por graus de excitação, por regras e medidas que contrastam com o mundo da mente individual, simbólica, com seus atributos de observação, pensamentos e julgamentos. No mundo dos Supostos Básicos, a aprendizagem é feita por recompensas e castigos, e a virtude é a obediência.

Meltzer, partindo desta ideia de Bion, conjectura o seguinte: suponhamos que o nível primitivo do Suposto Básico da mente, organizado como um *establishment*, seja suficientemente forte para poder ter acesso direto aos complexos processos hormonais, hematológicos e imunológicos. Suponhamos que este *establishment* se encarrega destes processos por ter seu monopólio. Continuemos supondo que, para poder sobreviver no mundo interno e externo, as partes pensantes da personalidade devem acatar as regras, tanto do *establishment* interno, como do externo, e também abrir caminho para conseguir um lugar a fim de desenvolver os interesses apaixonados e as relações íntimas, que são o coração da vida da mente. Se este lugar cresce, pode-se chocar com as demandas do *establishment* interno e temos, então, “ações subversivas” ou “perturbações da ordem pública”.

Em suma: existe um nível primitivo da vida mental — o nível Protomental ou Soma-psicótico — que segue os princípios que regem a organização social-tribal das partes pré e pós-natal da personalidade, em que a cisão e idealização do *self* e dos objetos tendem a ser mais severos. Se esta severidade não for modulada por experiências suficientemente boas (intra e extrauterinas), o nível Protomental tende a ficar muito cindido das estruturas pensantes e socializadas da personalidade (que evoluem junto com o domínio da linguagem) e consegue exercer uma forte influência sobre o caráter social, por ser excessiva a ansiedade persecutória do tipo mentalidade de grupo (ansiedade catastrófica, temor ao caos e ao reino do terror).

Quando a cisão e idealização são mitigadas por boas experiências, os objetos parentais se distinguem claramente do líder do Suposto Básico e, com isso, tais objetos podem lutar contra o líder impedindo que a ordem do corpo e da mente seja invadida pelo caos.

J. Wilhelm (2005) tem dado importância às repercussões psíquicas originadas de um hipotético acontecimento traumático ocorrido nos primórdios de nossa existência biológica. Em seu trabalho *Síndrome do sobrevivente da concepção gemelar: o gêmeo desaparecido*, ela menciona que, recentemente, ficou se sabendo da relativa e frequente incidência de concepções múltiplas que desaparecem até a décima segunda semana de gestação, permanecendo apenas um dos fetos. Cita Aray J., com *El estrés prenatal el yo primitivo y el comienzo de las angustias paranoides, catastróficas e primitivas* (1990), e também Piontelli, *Do feto à criança* (1995), que evidencia a alta incidência do gêmeo desaparecido durante a gestação, fenômeno que passou a ser acompanhado

pela ultrassonografia. Um dos gêmeos cresce às custas do outro, que deve lutar para se alimentar e poderá até ser ferido mortalmente pelo cogêmeo. É sobre a luta pela sobrevivência, o fenômeno da predação que iremos tratar logo mais.

Retomando a hipótese de Bion das vivências intrauterinas, terror hipotalâmico e registros somáticos antes do nascimento, portanto ontogenéticos, a pergunta seguinte é: Por que não avançar pensando no patrimônio filogenético? Esta investigação poderia nos levar à origem da mente humana! Este voo teria características antropológicas!

O autor W. Lusetti, com longa convivência clínica com psicóticos, empreendeu esta jornada e se propos, no livro *Il circuito della sofferenza* (2011), uma meta a ser perseguida com instrumentos clínicos, com referências ao pensamento biológico e evolucionista contemporâneo e com hipóteses especulativas em alguns momentos.

A meta é fundamentar a hipótese de uma “explicação” cabalística quanto à origem e à estrutura formal da mente e quanto à sua conotação persecutória. O autor pensa conseguir, deste modo, compreender e ligar duas séries de características humanas: de um lado, a linguagem e o pensamento simbólico, particularmente a estrutura simbólica do tipo religioso, e mágico do sacrifício, típico do pensamento humano, principalmente o “primitivo” e que se manifesta dentro de um grandioso fundo persecutório, muito análogo ao das doenças mentais; e, de outro, a sexualidade perene e a conformação neoténica³ de nossa espécie. Tais características explicariam algumas patologias do comportamento sexual da espécie, como as perversões sexuais e o incesto.

Quanto à “biologia do homem”, este autor pensa que o canibalismo, em sua forma primária, de canibalismo contra a prole, tenha evocado na nossa espécie uma resposta sexual de caráter anticanibalístico e pacificador, e tal resposta conseguiu transformar a sexualidade periódica e centrada no estro das fêmeas pré-humanas em sexualidade perene, tornando-se um instrumento do tipo pacto primordial entre presa e predador, uma permuta da carne por sexo. As mães se tornaram perenemente receptivas no plano sexual em troca de salvar a própria prole.

Em resumo, Lusetti entende que o canibalismo evocou uma segunda resposta anticanibalística, agora com fortíssimas implicações culturais, uma resposta linguística, produzida também com finalidade pacificadora.

Entendemos que tais técnicas de apaziguamento linguístico da predação canibalística foram tomando o lugar da sexualidade e depois evoluíram, por meio da linguagem simbólica que até hoje nos caracteriza, para a consciência, ou seja, em um sistema de monitoramento, controle e inibição, voltado especialmente aos aspectos canibalísticos, predadores que são próprios do homem.

3 Capacidade de reprodução no estágio larvar e persistência de caracteres larvais no estágio adulto.

O primeiro núcleo da consciência entendida como “sensor antipredatório” teria sido provavelmente de tipo alucinatório e, só depois, se tornaria “moral” e afetivo.

A consciência, porém, conseguiu elaborar a singular estrutura autodissociada, auto-observadora e auto-inibidora, que bem conhecemos e que tanto nos impacta, valendo-se de uma identificação preliminar da presa com o predador. Isto, essencialmente com a finalidade de ajudar o sujeito, em perigo de ser capturado, para poder prever o ataque predatório, descobrindo e combatendo sua própria predatorialidade interior, a qual, não controlada adequadamente, poderia ser ativada para fora, para o predador, com ataques letais.

Para concluir: a consciência com a finalidade de proteger o sujeito dos perigos predatórios externos tornou-se um “sensor antipredatório” dentro do *self* e, então, evoluiu em forma tipicamente humana para uma “autoconsciência reflexiva”, para um autocontrole e em automonitoramento de ordem, “moral”, em senso lato.

Nesse sentido, entendemos que o canibalismo pode explicar algumas características fundamentais do homem, de natureza biológica e cultural, como a sexualidade perene e as perversões sexuais, a consciência, os distúrbios psicopatológicos e a linguagem, colocando todas estas características em um único quadro evolutivo.

Quanto ao “sofrimento mental” que caracteriza nossa espécie, Lusetti pensa que os fenômenos psicopatológicos possam ser muito bem explicados pela origem canibalística da mente humana. O canibalismo de fato – ou melhor, qualquer fenômeno persecutório “primário” – nos ajuda a explicar muitos fenômenos psicopatológicos.

As formas e os conteúdos mais graves do pensamento psicopatológico dito “psicótico” poderiam ser interpretados como respostas compensatórias à predação e ao canibalismo como, por exemplo, as respostas delirantes-alucinatórias, as quais são quase todas formas de “alarme antipersecutório e antipredatório, originadas ocasionalmente por estímulos externos e voltadas a fornecer respostas para o “externo”; e as respostas maniaco-depressivas, nas quais a perseguição contra a qual reagem é, principalmente, aquela “de dentro” e é combatida por meio da culpa e da “consciência moral”.

Franco de Masi (2006), outro autor que se dedica ao trabalho com psicóticos, nos traz algumas ideias que, de certo modo, vão em direção a um substrato biológico dos quadros psicóticos. Ele sugere que a precoce e prolongada distorção das relações iniciais cria as premissas para uma percepção alterada da realidade psíquica. O autor comenta a dificuldade e até a impossibilidade de se obter algum sucesso terapêutico frequentemente se chegando à interrupção da terapia psicanalítica.

Ele ressalta que uma razão do insucesso depende de se conhecer pouco acerca da natureza dos distúrbios psicóticos, principalmente da esquizofrenia, por não conhecermos suas origens. Imaginando um diálogo entre Bion, Lusetti e De Masi,

poderíamos sugerir que o nível Protomental, Soma-psicótico, que segue a organização social-tribal das partes pré e pós- natal da personalidade, precisaria ser modulado por experiências suficientemente boas (intra e extrauterinas).

Se este nível ficar cindido das estruturas pensantes, poderá surgir como formas e conteúdos altamente persecutórios, medo ao caos e terror.

Isso equivaleria à emergência do aspecto da mente original canibalística, segundo Lusetti? Seriam respostas da personalidade à predação e ao canibalismo, como as formas de alarme “antipersecutório e antipredatório dos estados delirantes alucinatórios”?

Lusetti afirma que os distúrbios Anoréxico-Bulímicos, para dar um exemplo, têm uma evidente característica de “resposta” antipredatória e anticannibalística. Pacientes com esses distúrbios regulam, em forma ritual, a própria relação com o mundo externo, que sentem como profundamente persecutória e “devoradora”, voltando a predação para si próprios e administrando-a com a finalidade de controlá-la e impedir que tal controle seja assumido por um predador.

De acordo com De Masi, as personalidades com estrutura psicótica parecem ter, no início da vida psíquica, “algo autodestrutivo”, que se insinua no interior das áreas mentais predispostas ao desenvolvimento da capacidade de pensar e de perceber as emoções.

Poderia corresponder ao nível Protomental, de Bion? Ou à mente ancestral canibalística, de Lusetti?

De Masi sustenta o ponto de vista que considera a base biológica das psicoses. Seria, para nós que estamos promovendo este diálogo, a mente ancestral, filogenética, se revelando sob certas condições e abrindo caminho numa estrutura psíquica inicial deficitária, apontada tanto por Bion como por Lusetti?

Fim do diálogo imaginado, por enquanto.

The psychic early days, the origin of the mind in the human specie and the psychopathological phenomena

Abstract: The author initially presents some considerations about the environmental and constitutional factors in personality formation. She then reviews Bion's hypothesis about the early days of psychic when intense terror would possibly be associated to a thalamic records and experiences before birth. She mentions Meltzer's contributions concerning a tribal life that is in the depths of the mind and manifests itself through bodily processes (Meltzer, 1986). The author also recalls the Rascowsky contributions about the filicide phenomenon and the predation when there is a fracture in the parental roles or in the biggest catastrophes in history. And, finally, she mentions the Lusetti's work, an Italian author that makes a relationship with anthropology and psychoanalysis in order to develop the cannibalistic hypothesis of the mind's origin human species.

Keywords: psychic structure; terror; tribal life; thalamic record; filicide, cannibalism.

Los primitivos del psíquico, la origen de la mente en la especie humana y los fenómenos psicopatológicos

Resumen: Los orígenes del psíquico, el inicio de la mente en la especie humana y los fenómenos psicopatológicos. El interés por este tema se origina en mi clínica con pacientes psicóticos y con borderlines, en que, a menudo, necesité invocar el factor constitucional para contestar a los cuestionamientos sobre el origen de las perturbaciones de las personalidades en análisis. En 1978, Bion hablaba de una mente desarrollada antes del nacimiento y que se mantendría inalterada y activa después del nacimiento. Es muy impactante la evocación de una vida primitiva, quizás tribal, ubicada en las profundidades de la mente y siendo capaz de manifestarse en la superficie como un comportamiento grupal o mediante procesos corporales. Retomando la hipótesis de Bion, sobre las vivencias intrauterinas, terror hipotalámico y registros somáticos antes del nacimiento, por lo tanto ontogénicos, la pregunta que le sigue es: ¿Por qué no avanzar pensando en el patrimonio filogenético? ¡Esta investigación podría llevarnos al origen de la mente humana! ¡Este vuelo tendría características antropológicas!

Palabras clave: estructura psíquica; terror; vida tribal; registros talámicos; filicidio; canibalismo.

Referências

- Bion, W.R. (1963). *Experiências em grupos*. Buenos Aires: Paidós.
- De Masi, F. (2006). *Vulnerabilità alla psicosi*. Milão: Raffaello Cortina.
- Junqueira Mattos, J.A. & Braga, L.C. (2009). Consciência moral primitiva: um vislumbre da mente primordial. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 43, p.141-158.
- Junqueira, L.C. (2009). Acomodações do espaço mental nas tramas da cidade. In: *A psicanálise nas tramas da cidade*, pp. 129-141. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lusetti, V. (2008). *Il Cannibalismo e la nascita della coscienza*. Roma: Armando.
- Lusetti, V. (2011). *Il Circuito della sofferenza – Uno studio evoluzionistico sulla follia*. Roma: Armando.
- Mélega, M.P. (1991). Constituição versus Ambiente: um diálogo decisivo na formação e transformação psíquica”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 27, nº 4, pp. 681-705.
- Meltzer, D. (1986). *Studies in extended metapsychology*, p.38. Perthshire: Clunie Press.
- Raskovsky, A. (1959). *El psiquismo fetal*. Buenos Aires: Paidós.
- _____ (1985). *El Filicidio*. Buenos Aires: Orion.
- Spignesi, S.J. (2006). *As cem maiores catástrofes da história*. Rio de Janeiro: Difel.
- Wilheim, J. (2005). Síndrome do sobrevivente da concepção gemelar: o gêmeo desaparecido. Apresentado na SBPSP, Out. 2005.

Marisa Pelella Melega
Av. Vereador José Diniz, 3720
Conj. 202, Campo Belo
São Paulo/SP
pmelega@uol.com.br